

Os ajustes de Sayad

Brasil

Augusto de Freitas

Um programa econômico consistente. E justamente isto que os banqueiros e organismos internacionais vêm cobrando do governo brasileiro, e o único que o presidente José Sarney tem, no momento, é um estudo preparado pelos técnicos da Secretaria do Planejamento da Presidência da República, e que consiste, basicamente, no ajustamento do Plano Cruzado. Um ajustamento que o economista Francisco Lopes, um dos pais do plano, previa que seria feito ao longo do ano passado.

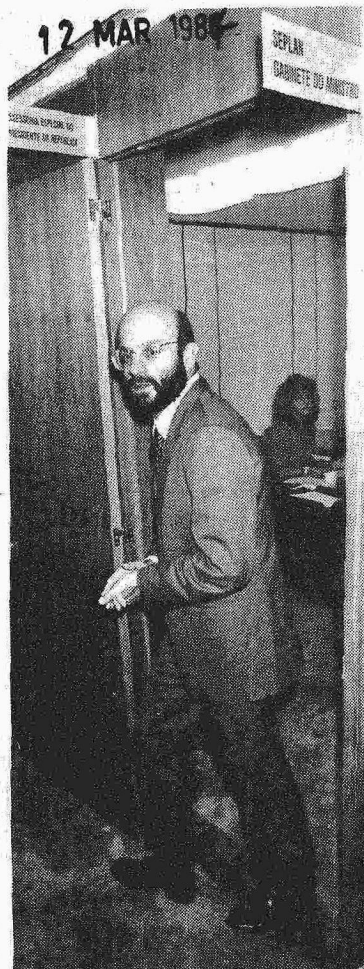
O «Plano Sayad», como vem sendo chamado, consiste basicamente em três pontos, ainda sem fórmulas definidas: numa primeira fase, seria promovido o realinhamento de preços, com tarifas em bases reais, e os salários seriam alinhados em bases compatíveis, não importando que durante este período o índice de inflação disparasse; no segundo momento haveria um controle rigoroso dos preços e também dos salários, sem reajustes durante inadiáveis 90 dias; depois então, se promoveria o reajuste dos preços, salários e os aluguéis teriam aumentos automáticos, segundo uma fórmula que ainda não foi definida pela equipe da Seplan e muito menos pelos técnicos do Ministério da Fazenda, que não vêm participando da elaboração do plano.

Esses ajustamentos da economia, segundo fontes da Seplan, deveriam ter sido promovidos antes da edição do Plano de Estabilização Econômica de 28 de fevereiro do ano passado, que foi antecipado devido às necessidades do governo de dar uma resposta urgente à sociedade, pois mesmo setores do PMDB, como o senador Fernando Henrique Cardoso já se impacientavam com a imobilidade do Executivo diante dos graves problemas que o país enfrentava no campo econômico. O Plano Cruzado foi então lançado, sem o necessário realinhamento de preços, e o que ocorreu é que os preços dispararam tão logo se extinguiu o congelamento.

O ajustamento do Plano Cruzado imaginado pela equipe da Seplan, pressupõe a sua aprovação pelo Congresso Nacional, precedida de uma ampla discussão com as classes trabalhadoras e patronais, substanciando o chamado «Pacto Social» buscado pelo governo. Os técnicos asseguram que durante a execução do ajustamento, ninguém sairá ganhando nem perdendo, pois mesmo que a inflação seja alta num primeiro período, o gatilho salarial disparará tantas vezes

quanto necessárias, não importando o momento. Este é o único argumento que ainda não conseguiu convencer o Palácio do Planalto da eficácia do plano, pois há o temor de que a realimentação do processo inflacionário vire uma «bola de neve», incontrolável.

Mesmo depois de todos os ajustamentos, o Plano Sayad não prevê uma inflação zero. Os técnicos da Seplan estimam que o país poderá perfeitamente conviver com um índice de inflação entre dois e três por cento ao mês, mantendo porém as metas de crescimento econômico e de desenvolvimento social, com aumento da oferta de emprego. Para isto, eles citam a experiência da Argentina, que antes da adoção do Plano Austral promoveu um completo realinhamento de preços e conseguiu sair de uma inflação de mais de 1.000 por cento para algo em torno de 80 por cento ao ano. Entretanto, para promover o ajustamento do Cruzado, o presidente José Sarney vai precisar mais do que nunca de apoio político no Congresso, pois num primeiro momento ficará a impressão de que o governo teria perdido completamente o controle da inflação. Daí a necessidade de sua aprovação pelo Congresso.



Sayad não define fórmulas